

A PSEUDO-HISTÓRIA NA EVOLUÇÃO HERÓICA DE LANCELOT

ANA MARGARIDA CHORA
(Escola Secund. D. Manuel Martins, Setúbal)

161

Or dist li contes. Eis a fórmula “mágica” que convida a História a inserir-se na Literatura do século XIII, especialmente no ciclo arturiano da Vulgata¹, em que Lancelot desempenha o papel-chave. Surge, nesta altura, aquilo a que podemos dar o nome de “pseudo-História” porque, embora pretenda surgir nos textos como invocação de autoridade histórica, vem reforçar o aparecimento de uma autêntica prosa de ficção. Trata-se, pois, de privilegiar o factor temporal nos textos em prosa, contrariamente ao factor predominantemente espacial dos antecedentes da Vulgata, em verso. A pseudo-História desdobra-se entre os níveis metatextual e textual, no primeiro caso relacionando o metatexto das potenciais fontes e da transmissão textual com a narrativa que se constrói; no segundo, prendendo-se com o problema da duplicação da personagem no tempo: a narrativa é, simultaneamente, a ligação ao seu passado genealógico e a projecção no seu futuro evolutivo.

Na verdade, no início do século XIII, a par do desenvolvimento da historiografia em prosa, surge a prosificação dos textos arturianos em verso (como os de Chrétien de Troyes ou Robert de Boron), mas esse processo é condicionado por uma passagem a um nível superior, uma vez que a prosa de ficção é promovida ao estatuto literário, distanciando-se, desta forma, da historiografia, que era anteriormente o único tipo de prosa considerado. Se entramos naquilo a que Emmanuèle Baumgartner chama “a era da ficção” (Baumgartner: p. 93), e se esse estatuto a separa da historiografia, o certo é que é aquela que se socorre da História para se garantir como novo género. A inserção da pseudo-História actua, pois, no âmbito funcional, como mediadora, não só entre os géneros, como ao nível da evolução das personagens, assumindo, portanto, uma dupla faceta.

Vejam, em primeiro lugar, o que acontece com os textos. Tomámos como objecto de análise o chamado *Lancelot en prose*². O texto pretende dizer a verdade. Ou pelo menos ser credível. Faz alusões à veracidade do que é dito pela confirmação e testemunho assente em eventuais fontes que não só conferem autoridade ao texto como “garantem” a sua “veracidade”. Estamos perante uma “demiurgia dialéctica”, no

¹ Segundo as designações de autores como Ferdinand Lot, Jean Frappier ou Alexandre Micha. Também conhecido por «Lancelot-Graal». As versões são cíclicas, pois constituem um ciclo. Pode igualmente ser designado por «Grand Saint Graal», por oposição ao «Petit Saint Graal» do pseudo-Robert de Boron.

² Representa dois terços da trilogia e constitui o centro do ciclo, a primeira parte conhecida por «Galahaut», a segunda a «Charrete» e as «suites» (ou «Méléagant»), e a terceira «Agravain» (ou «Préparation à la Quête»)

dizer de Roger Dragonetti (Dragonetti: p. 23). Só no *Lancelot* contam-se mais de três dezenas de fórmulas como «ce dist li contes» ou «or dist l'estoire», as quais remetem para um potencial arquétipo. É o caso de quando o rei Ban deixa o castelo de Trêbe, na sequência das exigências do rei Claudas – «che fu, che dist li contes, la nuit de la mie aoust» (vol. VII, p. 9), da descrição de Lancelot quando era pequeno – «Et che fu, che dist li contes, li plus biax enfes del monde et li miex tailliés de cors et de tous membres» (vol. VII, p. 71), ou do dia da sua investidura – «Chelui jor, che dist li contes, estoit a Camaalot li rois Artus» (vol. VII, p. 260), da viagem a Sorelois – «Or dist li contes que, quant Lancelot se parti de Sorelois en emblé et il fut hors de la terre, si fist duel chescun jor et menja petit et dormi» (vol. II, p. 1), ou da aventura com Lyonel – «Or dit li contes que quant Lanceloz vint a l'abaie a tout Lyonnel, qu'il fu nuiz oscure» (vol. V, p. 92). A referência aparece mesmo relativamente ao facto de Lancelot ter perdido o seu nome de baptismo, Galaad, pela luxúria, o qual o seu filho vai recuperar com a pureza, «si com l'estoire le devise» (vol. IV, p. 211). Mas, de acordo com Dragonetti, se a própria historiografia não se preocupa com a veracidade dos factos, a prosa de ficção muito menos (Dragonetti: p. 29). A questão não está em apresentar a “realidade histórica”, mas sim o que se imagina ser verdadeiro.

As concepções pseudo-históricas avançam do texto para a personagem fulcral de todo o ciclo. Lancelot constitui-se como o centro da trilogia do Lancelot-Graal, em que é a figura em torno da qual giram as aventuras, não só no *Lancelot en prose*, como também em *La Queste del Saint Graal* e *La Mort le Roi Artu*. No meio de conflitos amorosos, da relação com a rainha, das viagens entre os mundos feéricos e a corte de Artur (em que a sua posse era disputada) e da passagem do testemunho a Galaad, a união ao tema do Graal faz-se em proporções genealógicas, na medida em que esta linhagem se liga à casa do rei Ban. Por seu turno, vai-se criando, progressivamente, até à Post-Vulgata, uma cisão entre as linhagens de Uther Pendragon e de Ban de Benoïc, que acabam por ganhar uma dimensão mítica.

Por outro lado, a personagem liga-se à pseudo-História pela distinção que Jessie Weston retomou relativamente aos dois ramos da tradição arturiana (Weston: p. 55): o “ramo histórico” (de origem insular, primeiramente representado pela *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey of Monmouth e posteriormente alargado aos textos em prosa da Vulgata), e o “ramo romântico” (de origem continental, produto da tradição e folclore bretões).

O primeiro pretende complementar os textos com informações de carácter histórico. Vejamos: tudo começa com a guerra que o rei Claudas da Terra Deserta faz contra o rei Ban, que pede auxílio a Artur. Este, por sua vez, está em guerra com os romanos, à semelhança do que o seu pai, Uther, fizera com os saxões. Os romanos apoiam o rei Claudas e este encarcera prisioneiros bretões em Gaunes, terra do irmão do rei Ban. Mas os saxões ainda vão voltar, até à altura do reaparecimento de Lancelot depois da viagem a Sorelois. A própria toponímia se revela, como é o caso do rei Hosseliche, um dos filhos de José de Arimateia, que passara a chamar-se Galahas, e o seu reino, Gales, deve o nome ao seu rei, ou o caso de Aguisanz, rei da Escócia, que era primo de Artur.

Por outro lado, o fundo mítico (presente sobretudo nos antecedentes da Vulgata), assente na tradição bretã, é associado ao epíteto “du Lac”, devido à ligação com os elementos aquáticos subjacentes à questão do duplo nascimento. A criança do reino de Benoïc torna-se uma personagem do “outro mundo” e Lancelot adquire uma dupla natureza, imprescindível às transições espaciais de um mundo para o outro, constituindo-se, pois, como mediador, necessário às mudanças de ciclo, designadamente a posse da rainha Guenièvre (no plano do simbólico, sinónimo do culto da vegetação e da

soberania), que o episódio da «Charrette» retoma e que, na *Mort le Roi Artu*, culmina no confronto de linhagens com a disputa pela sua posse.

Esta dupla natureza e a ligação ao fundo mítico pressupõem uma evolução. O texto de Chrétien, em verso, apenas indicava a criação por uma fada, mas os textos em prosa começam por acrescentar as entidades parentais e, depois, toda uma linhagem. Isto porque o fundo mítico, pela sua repetição ao longo dos textos e das diversas personagens, revela as estruturas simbólicas que permitem uma compreensão ao nível do imaginário medieval. A evolução da personagem implica uma estrutura (ou o chamado “mitologema do herói”). No caso de Lancelot, verifica-se no duplo nascimento (em que uma das metades da sua origem ficou submetida ao mundo feérico), na reconquista do espaço simbólico das entidades parentais (a Dolorosa Guarda, ocupada por Brandis), na passagem entre os mundos como figura mediadora actuante nas mudanças de ciclo. A primeira razão originou o desconhecimento da identidade, o que conduziu à segunda. E antes de se comprometer numa lógica de espaço, evidenciada nos textos em verso, Lancelot tem de conhecer o passado e resolvê-lo, pois antes já estava comprometido com a lógica do tempo. É isto que introduzem os textos em prosa, embora posteriormente. Por sua vez, o tempo é inserido de dois modos: pela explicação genealógica (cuja projecção encontra eco no futuro) e o conhecimento do passado, feito pela própria personagem, que se regista em três momentos fundamentais: na conquista da Dolorosa Guarda, na passagem pelo túmulo do avô e na genealogia da *Queste*.

A explicação genealógica presente nos textos (não contada directamente à personagem em causa) reflecte a busca da identidade individual proveniente do afastamento da fusão no colectivo, de origem clânica, ainda presente nas canções de gesta. Segundo Georges Duby, o heroísmo liga-se ao conceito de tempo, pois assenta simultaneamente no tempo dos ancestrais e no das gerações vindouras, realizando o futuro a sua glória, com base no legado dos antepassados. A consciência da honra, nobreza e herança centra-se numa orientação vertical de filiação (Duby: pp. 147-155). Quando a Dama do Lago recebe os dois meninos, primos de Lancelot, Bohors e Lyonel, fica a saber da sua linhagem: «car combien qu’il soient de haut de par le peire, riens n’amonte envers le hauteche qu’il ont de lor boine meire; car nous savons par le tesmoignage des Escriptions que ele et si anchisor sont deschendu del haut lignage au haut roi David (...), et des aventures qui i avienent par un qui sera del lignage la meire a ches enfans» (vol. VII, p. 192), referindo-se a Galaad, que porá fim às aventuras do reino de Logres. Numa das “lições de cavalaria” da Dama do Lago, esta responde à curiosidade do jovem Lancelot, que quer saber acerca da origem da bondade da cavalaria e dos primeiros bons cavaleiros: «Jehans li Ircaniens et Judas Macabeus, li tres boins chevaliers (...). Si en fu Symons, ses freres, et David li rois et maint autre (...) si en fu Josep d’Arimachie (...); et si en fu ses fiex Galahas, li haus rois de Hosseliche qui puis fu apelee Gales en l’onor de lui (...); si en fu li rois Pellés de Listenois qui encore estoit de chelui lignage li plus haus quant il vivoit, et ses freires Helains li Gros» (vol. VII, pp. 255-256). Alexandre Micha verifica o predomínio do factor tempo nos textos em prosa em detrimento do espaço (Micha: p. 360). Charles Méla aponta o grande percurso temporal exposto nas obras, que vai desde Uther a Artur, passando pela linhagem de José de Arimateia (Méla: p. 357). Por seu turno, Philippe Ménard considera a própria cavalaria como uma forma de cumprimento do futuro, havendo uma ruptura com o passado, pois há um privilégio da acção. Mas todos referem o tempo como uma forma de organização não só dos textos como das próprias personagens.

Vem então o conhecimento do passado por Lancelot. Após a conquista da Dolorosa Guarda (“Doulerouse Garde”), Lancelot vê o túmulo que diz: «Chi gerra Lancelos del Lac, li fiex au roi Ban de Benoÿc» (vol. VII, p. 332), passando a conhecer o seu

nome e o do seu pai, já que a Dama do Lago apenas lhe dizia que ele era filho de rei... A história do seu avô (rei Lancelot, senhor da Blanche Garde) é contada por um eremita, depois de Lancelot ter visto o túmulo: «Sire, il est voirs que vostre ayel qui ci gist issi de la lingnie Joseph d'Arimacie» (vol. V, pp. 123). Em *La Queste del Saint Graal*, depois de uma visão, Lancelot pede uma explicação a um eremita, que lhe diz que ele provém de uma grande linhagem: «Joseph d'Abarimacie (...) issi de Jherusalem (...) trova un roi païen, Ewalac ot a non (...) reçut baptesme de la main Josephes le filz Joseph. Il avoit un serorge qui avoit non (...) Nasciens. (...) Li niés le roi Mordrain (...) ce fu Celydoines, li filz Nascien. (...) Ce fu li premiers rois crestiens qui maintint le roiaume d'Escoce. (...) Li premiers rois qui issi de Celydoine ot non Narpus (...). Li autres ot non Nasciens (...). Li tierz roi après ot non Elyan le Gros (...). Li quarz ot non Ysaies (...). Li quinz après ot non Jonaans (...). De celui issi li rois Lancelot tes aieux (...). De celui issi li roi Bans tes peres (...)» (pp. 134-136).

Segundo John Lash, uma das características do herói é o seu nível de conhecimento, condicionado pela acção, que vai determinar a sua evolução. O desconhecimento sobre si próprio é o “monstro” contra o qual tem de lutar, para que possa separar o passado do presente, integrando-o de uma forma construtiva (Lash: pp. 21-40). O passado desconhecido é o outro lado de si mesmo duplicado sob a forma obscura de desconhecimento. Para haver integração tem de conhecer esse passado. Na conquista da Dolorosa Guarda, houve um conhecimento do passado, pela identificação do seu verdadeiro nome ligado às entidades parentais. Mais tarde, há o conhecimento da linhagem da qual provém. O herói também se define em termos dualísticos (Campbell: pp. 229-237), pertencendo a dois mundos e movendo-se entre eles. Lancelot, duplicado à nascença entre dois mundos, só conhece o espaço feérico até ao fim da adolescência, mas vai ter de integrar a outra metade, a das entidades parentais reais, através do conhecimento da linhagem, factor temporal. Isto porque só conhecia a entidade parental simbólica, a Dama do Lago, que vive num espaço onde, à semelhança de outros espaços do outro mundo (nomeadamente o reino da fada Laudine em *Le Chevalier au Lion* de Chrétien de Troyes), o tempo nada tem a ver com o do mundo real. Não passa da mesma maneira nem obedece à mesma sequência de acontecimentos.

Mas esta não é a única duplicação temporal. Ainda há a duplicação relativamente ao divino. Os pais legaram o pequeno Lancelot ao reino das fadas para o protegerem. Mas o “pai divino” queria-o para ele e comprometeu-o, logo à partida, com a predestinação da aventura do Graal. Tanto assim que o seu verdadeiro nome é Galaad. Estava, pois, comprometido com “outro mundo” que não era feérico, mas não deixa de ser “outro mundo”. Por estar comprometido com o divino é que, no fim do ciclo, ingressa na vida religiosa, enveredando por um percurso edificante. Houve uma cisão que o duplicou e o comprometeu novamente com uma entidade parental: a divina. Desta forma, continua a prevalecer o tempo do pai, o passado. E, tal como o tempo do pai biológico que integrou com a conquista do seu espaço simbólico, a Dolorosa Guarda, só pode integrar o tempo do pai divino com a simultânea integração do espaço simbólico da vida religiosa, no fim do ciclo em prosa.

Como já referimos, a questão da linhagem ganha proporções maiores à medida que os textos avançam. É aqui que a explicação genealógica e o conhecimento do passado se encontram. Em *La Mort le Roi Artu*, embora não apareçam descrições genealógicas exaustivas, a linhagem continua presente, para marcar a distinção entre os dois grupos que se mantiveram desde a origem da história e vão continuar até ao fim (a linhagem de Uther e a do Rei Ban): «L'endemain se parti de cort li lingnajes le roi Ban» (p. 38). Mais tarde, na Post-Vulgata, a linhagem quase substitui o indivíduo. Diz a nossa *Demanda*, «os da linhagem de rei Bam eram de tam grande bondade de

armas que el-rei nem seus homens nom lhes podiam durar» (p. 480). Quando Boorz pergunta a um cavaleiro novas da linhagem do rei Ban na corte a um cavaleiro de Logres, este diz-lhe: «dom Lançalot jaz com a raia e querem-no dizer a el-rei por meterem mortal desamor entre el-rei e a linhagem de rei Bem» (p. 458). E diz o rei Hiom: «nom cuido que começasse guerra com a linhagem de rei Bam de Benoic ca veemos que Nosso Senhor os alçou tanto sobre tōdalas outras linhagens» (p. 475).

Mas a linhagem torna-se movedora do ciclo, contrariando a linearidade do tempo cronológico. Lancelot acaba por pertencer à linhagem do Graal tanto pelo lado do pai como da mãe. O rei Ban descendia de uma linhagem ligada a José de Arimateia pelo baptismo (ligação simbólica à linhagem), sendo a mãe e a tia, Hélène de Benoic e Evaine de Gaunes, descendentes do rei David. Perceval, que pertencia à linhagem do Rei Pescador, passa o testemunho à linhagem de Lancelot. Perceval não se comprometeu com o papel de guardião do Graal, salvaguardando, assim, o reino de Artur que não caiu logo em decadência. Mas Galaad teve de respeitar a lógica do ciclo, contrariando o tempo linear, passando a época áurea à terra devastada do “rei tolheito”, salvando-o. E assim cai o reino de Logres em desgraça. O mito sobrepõe-se, desta forma, à História, substitui-se o tempo linear pelo tempo cíclico e mítico.

Apesar da integração do conceito de tempo, alargado ao conceito de espaço, não deixa de haver evolução a um nível cosmogónico pela apropriação que o mito faz do tempo, demonstrando a diversidade da origem do mito, de acordo com a trifuncionalidade apontada por Georges Dumézil, que pode relacionar-se, em simultâneo, com factos reais, ficções literárias e a dimensão cósmica (Dumézil: p. 12).

Talvez pudéssemos falar de “historiema” para a pseudo-História desta ficção, à semelhança do conceito de “mitologema” em termos de percurso mítico do herói. Há uma narrativa que se conta sobre o texto. Essa narrativa é pseudo-histórica. A História desdobra-se, portanto, em narrativa de ficção e em História, tal como o herói que se duplica entre o passado e o presente e entre o tempo e o espaço. A pseudo-História, nas vertentes que vimos, é mediadora do mitologema do herói.

Obras citadas**1. Bibliografia activa**

1995, *A Demanda do Santo Graal*, ed. de Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

1978-1983, *Lancelot – Roman en prose du XIII^e siècle*, ed. de Alexandre Micha, 9 vols., Genève, Droz.

1980, *La Queste del Saint Graal – Roman du XIII^e siècle* (atr. a Gautier Map), ed. de Albert Pauphilet, Paris, Champion.

1936, *La Mort le Roi Artu – Roman du XIII^e siècle*, ed. de J. Frappier, Genève, Droz.

2. Bibliografia passiva

BAUMGARTNER, Emmanuèle

1995, *Le récit médiéval*, Paris, Hachette.

CAMPBELL, Joseph

1968 (1.^a ed., 1949), *The Hero with a Thousand Faces*, New Jersey, Princeton University Press.

DRAGONETTI, Roger

1987, *Le mirage des sources: L'art du faux dans le roman médiéval*, Paris, Seuil.

DUBY, Georges

1989, *A Sociedade Cavaleiresca*, Lisboa, Teorema.

DUMÉZIL, Georges

1969, *Heur et malheur du guerrier*, Paris, PUF.

LASH, John

1995, *The Hero: Manhood and power*, London, Thames and Hudson.

MÉLA, Charles

1984, *La Reine et le Graal: La conjointure dans les romans du Graal de Chrétien de Troyes au Livre de Lancelot*, Paris, Seuil.

MÉNARD, Philippe

1999, *De Chrétien de Troyes au "Tristan en Prose": Études sur les romans de la table ronde*, Genève, Droz.

MICHA, Alexandre

1987, *Essais sur le cycle du Lancelot Graal*, Genève, Droz.

WESTON, Jessie

1901, *The Legend of Sir Lancelot du Lac: Studies upon its development and position in arthurian romantic cycle*, London, The Grimm Library.